



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**A ENGRENAGEM POLÍTICA CONSERVADORA E O
DISCURSO DE ÓDIO CONTRA ARTISTAS
PERTENCENTES A MINORIAS EM MOMENTOS DE
SUPEREXPOSIÇÃO**

Uma reportagem baseada na vitória de Liniker no Grammy Latino

Felipe Turassa Ernani
Orientadora: Fabíola Orlando Calazans Machado

Brasília – DF
01/2023

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Airton e Tammy, e a toda a família, em especial Thatyana, Ida e Jair, pela paciência, cuidado, carinho e apoio em tudo que decidi trilhar nesta vida até hoje. À Profª. Dra. Fabíola, pela ajuda e orientação neste projeto e confiança no meu potencial. Aos amigos de longa data, que também sempre me deram apoio de todos os tipos para chegar onde estou hoje. Ao Tony Aiex, pela parceria no Tenho Mais Discos Que Amigos! que já dura anos, pelos ensinamentos na vida da indústria musical e pela compreensão durante este período. Aos colegas de curso, que ajudaram em incontáveis trabalhos e tornaram a experiência dos últimos anos a mais agradável possível. À Isabella, pelo apoio e paciência durante este período turbulento com a certeza de que tudo valeria a pena.

RESUMO

Nos últimos anos, a ascensão do conservadorismo e o crescente uso de redes sociais para emissão de opiniões têm tido impactos irreversíveis no mundo artístico. Em especial quando se fala de artistas pertencentes às minorias, o alcance tem sido maior do que nunca e isso traz consigo uma enorme quantidade de discurso de ódio, que se agrava em momentos de superexposição, como premiações e grandes eventos. Por meio de uma reportagem sobre a cantora Liniker, vencedora do Grammy Latino em 2022, busca-se traçar um paralelo entre o ódio político e o ódio artístico, explicitando o papel da engrenagem conservadora e sua intenção verdadeira em fomentar o preconceito contra estes artistas marginalizados, que se mostram ameaças ao seu controle das massas e à imposição de seus ideais anti-progressismo.

Palavras-chave: comunicação; reportagem; música; discurso de ódio; Liniker; transfobia.

ABSTRACT

In the past few years, the rise of conservative movements and the growing use of social media for opinionated posts have had irreversible impacts in the artistic world. Especially when talking about artists who are part of social minorities, there has been a bigger reach than ever and that brings with itself a huge amount of hate speech, which is aggravated in hyper exposure moments, such as awards and big events. Through the production of an article focused in the Brazilian singer Liniker, a winner at the 2022 Latin Grammys, we seek to draw a parallel between political hate and artistic hate, explaining the role played by the conservative cog and its real reasons for promoting hate against these marginalized artists, who position themselves as threats to their control of the masses and to the imposition of their anti-progressive ideals.

Keywords: communications; article; hate speech; Liniker; transphobia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. CONTEXTO SOCIAL E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	9
2.1 Discurso de ódio e o extremismo político brasileiro e mundial	9
2.2 Redes sociais, a supervalorização da opinião individual e o culto à personalidade	11
2.3 Estudos culturais e cultura pop	14
2.4 O gênero textual reportagem	16
3. METODOLOGIA	17
4. CONCLUSÕES	19
REFERÊNCIAS	21

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a sociedade brasileira e mundial tem vivido uma interessante, e por vezes preocupante, dicotomia no que diz respeito a questões de progresso social. Enquanto de um lado é possível identificar um movimento progressista, que visa cada vez mais a inclusão de pessoas pertencentes às minorias sociais nas atividades diárias de forma plena, uma ascensão muito rápida do conservadorismo tem se dado como resposta a esse crescente espaço conquistado por pessoas que anteriormente se viam em situações ainda piores nesse sentido.

O caso brasileiro é emblemático. Os últimos quatro anos de governo, quando o país foi regido por Jair Bolsonaro e sua legião de seguidores conservadores, foi notavelmente uma resposta aos anos anteriores de governo, que viram uma expansão dos direitos de populações como a LGBTQIA+ e a preta, bem como das populações indígenas

CODATO et al (2015) apontaram que a direita brasileira havia conquistado 43,5% das cadeiras na Câmara dos Deputados após as eleições de 2014, interrompendo uma série de queda constante que se dava desde 1998. O texto em questão ainda separa a direita latina em “velha” e “nova”.

A velha direita latina pode ser enquadrada em três *statements*: i) ligação com as ditaduras militares; ii) defesa radical da não intervenção do Estado na economia; iii) defesa da moral cívica e da família tradicional. A nova direita, que surge como resposta dupla à velha e à ascensão da esquerda também em três: i) liberalismo econômico, com intervenção limitada do Estado na economia para garantir igualdade de oportunidades; ii) defesa da democracia; iii) defesa radical dos valores da família tradicional. (CODATO et al, 2015, p. 128)

De acordo com essa classificação, são enquadrados na velha direita os partidos PP, DEM e PTB, que originaram de regimes ditatoriais, e a nova direita abriga o novo PSD, o Solidariedade e outros menores. O interessante é que, nos últimos anos, o surgimento e ascensão de partidos como PL e União Brasil fazem essa classificação soar um pouco obsoleta, já que em grande parte navegam entre ambas as definições ao flertar com conceitos autoritários sem necessariamente impô-los ou tê-los representados em todos os seus integrantes. Para o efeito deste estudo, entretanto, é possível analisar a classificação destes partidos não-representados por meio de suas declarações de apoio nas eleições de 2022, ou do posicionamento geral daqueles que liberaram seus integrantes, como o União Brasil, que teve maioria apoiando o ex-presidente candidato à reeleição ainda que tenha liberado seus representantes para tomarem as próprias decisões.

Sob essa luz, é importante trazer a análise de que, em 2023, o Partido Liberal (PL) é o que tem mais cadeiras na Câmara, totalizando 75 representantes e abrindo folga sobre o segundo colocado, o Progressistas (PP), com 57 representantes e ligado à velha direita. No total, com base nos conceitos definidos acima, a Câmara dos Deputados tem ao menos 303 cadeiras (quase 60% do total) reservadas para integrantes de partidos simpatizantes à direita; este número não leva em conta alguns partidos de centro, como o MDB, que se viu bastante dividido sobre qual candidato apoiar à presidência. No Senado, pelos mesmos conceitos, são 46 representantes ligados à direita, cerca de 56,7% do total.

Historicamente, o conservadorismo sempre foi observado pela população como inimigo da arte popular. No próprio caso brasileiro, não faltam exemplos de censura e outras tentativas de perseguição, especialmente durante os anos de ditadura militar. Nos últimos anos, o cenário definitivamente voltou a se agravar com um consciente corte de recursos destinado à classe artística, além de uma constante busca pela elitização da arte que tem como um de seus principais objetivos evitar a ascensão de classes socialmente marginalizadas, como é o caso das populações citadas acima. Este tema, aliás, está bastante ligado à própria ascensão da cultura pop e as consequências desta para um movimento que busca cada vez mais controlar as massas, como será elucidado mais à frente neste trabalho.

Um exemplo notável desta busca pela regulação da arte e pela associação ao movimento de extrema-direita está no discurso feito por Roberto Alvim, então secretário da cultura do governo Bolsonaro, em 16 de janeiro de 2020. Na ocasião, a fala de Roberto foi comparada a Joseph Goebbels, ministro da propaganda da Alemanha nazista de Adolf Hitler e um dos idealizadores do nazismo. Tal movimento denota não apenas a clara inspiração e intenção de copiar alguns dos principais ideais de um piores regimes já implantados no mundo, mas também a importância que era dada ao controle da arte e serve para exemplificar como a intenção do governo passado era de favorecer uma certa classe artística, mais erudita, em contraponto à inclusão de minorias e de gêneros artísticos marginalizados.

Vejamos, primeiramente, a fala de Alvim:

“A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional, será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo — ou então não será nada.” (ALVIM)

Agora, prestemos atenção à semelhança com a fala de Goebbels:

“A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada.” (GOEBBELS)

Portanto, a partir de um cenário de extremismo por parte de certos grupos na política brasileira e mundial, o produto deste trabalho é uma reportagem com o objetivo de investigar de que maneira os discursos que disseminam preconceito e ódio contra artistas pertencentes ao espectro LGBTQIA+, em momentos de superexposição como cerimônias de premiação, megaeventos e afins, se configuram e são influenciados por uma engrenagem conservadora que vem ganhando força em termos geopolíticos.

Essa engrenagem, que será citada em diversos momentos durante o texto, é o resultado de uma série de fatores que impulsionam os ideais conservadores no país em que se vê presente; a sua definição será feita por meio do trabalho, que vai explicar por meio de exemplos práticos como ela é capaz de influenciar o nosso cotidiano e a disseminação de discursos de ódio. Mas, neste momento, é importante entender que a engrenagem é composta por todos os recursos, midiáticos ou não, utilizados pelas partes interessadas (grupos conservadores) para mobilizar pessoas que são vistas como influenciáveis para abraçarem os seus ideais.

O foco do texto jornalístico será no episódio em que a cantora Liniker, assumidamente uma mulher trans e que se autodenomina travesti, foi vencedora de uma categoria do Grammy Latino, uma das maiores e mais relevantes premiações da música mundial. O acontecimento em si lhe rendeu um momento de superexposição que, ao mesmo tempo, ampliou o alcance de sua arte e lhe transformou em alvo de todo um movimento conservador, que se mostra ofendido por sua simples existência e busca desqualificar sua produção por meio de discurso de ódio na internet.

O discurso de ódio em si é um dos principais objetos de análise deste trabalho, em especial a sua existência enquanto uma simples consequência de uma engrenagem política conservadora que dita o comportamento de milhões de pessoas ao redor do mundo, incluindo o Brasil. É importante esclarecer, no entanto, que não se irá usar este trabalho para entrar em questões como a dualidade entre liberdade de expressão e a ausência de consequências para o discurso de ódio, conceitos que têm se confundido no passado recente.

O objetivo desta reportagem e desta memória de pesquisa é elucidar como essa engrenagem tem afetado o nosso país e a classe artística pertencente a ele, em especial os que pertencem às minorias sociais, sem eximir de culpa aqueles que espalham discursos

preconceituosos na internet e fora dela mas apresentando justificativas para a existência de tais extremistas.

Na reportagem, mergulharemos em uma série de episódios recentes da música brasileira que foram influenciados pelo poder da engrenagem conservadora, não ficando restrito apenas aos acontecimentos com Liniker que inspiraram esse estudo. Artistas como Anitta e Pablo Vittar também foram e são constantemente atacadas por representantes dessas comunidades, em especial depois de terem se posicionado de forma mais clara contra o ex-presidente Bolsonaro e seus aliados. Tal fato nos ajudará a entender como o discurso de ódio político pode levar ao discurso de ódio artístico, e para isso também haverá um enfoque em compreender a elitização cultural promovida pelos regimes conservadores e como o preconceito musical vai além dos próprios gêneros musicais em si, estando muitas vezes mais ligado à própria figura do artista do que à música que ele produz, recebida já com um preconceito inerente por diversas pessoas.

A escolha por esse produto se deu por acreditar bastante no que fala José Marques de Melo em sua obra “Pensamento Jornalístico: a moderna tradição brasileira”, no qual retoma conceitos apresentados por MEDITSCH (2005, p. 121-136) de que o jornalismo “não se limita a reproduzir secundariamente o ‘conhecimento’ gerado em outras disciplinas científicas, mas constitui-se como ‘produtor’ do ‘conhecimento’ primário que move cotidianamente a engrenagem social”.

Com base nisso, acredita-se que a reportagem tem um papel fundamental de conexão com as massas, em especial no formato escolhido, que foge à chamada “mídia tradicional”. Ao escolher pela veiculação em um site com aspecto de blog, como será descrito mais abaixo, leva-se em conta a maior identificação de pessoas com veículos que não se encaixam na “grande mídia”, apostando então em uma plataforma que tem um alcance relativamente alto sem os estereótipos negativos que vêm com canais de grande renome.

Já na memória de pesquisa, conceitos de comunicação fundamentais para a compreensão de toda essa temática serão explorados mais a fundo. Temas que podem parecer pouco relacionados, como o estudo de regimes totalitários por meio da ótica de Hannah Arendt (1951) e do culto à personalidade, também acabam tendo papel fundamental para o entendimento de como funciona essa engrenagem conservadora. Ainda que todos estes conceitos estão presentes como embasamento para o texto jornalístico, a exploração destes na memória de pesquisa busca elucidar o estudo que foi feito para possibilitar a concepção da

reportagem em sua melhor forma possível, incluindo a sua disponibilização em uma linguagem acessível, cuja razão para tal será explicitada mais à frente.

A realidade é que não há mais escapatória do discurso de ódio e da engrenagem conservadora. Tal tema se tornou relevante nos últimos anos, uma vez que virtualmente qualquer pessoa participante da sociedade está sujeita a lidar com ambos a qualquer momento; No ciberespaço, a supervalorização da opinião individual se torna uma consequência praticamente inevitável devido à necessidade de pertencimento que está intrínseca à atual ausência de distinção entre vida real e online na prática.

Ao mesmo tempo, a anonimidade oferecida por boa parte da internet faz com que muitas pessoas percam o medo de expor discursos preconceituosos, inclusive criando laços e comunidades com outras pessoas de pensamentos parecidos na internet, esteja isso acontecendo de forma anônima em canais como o Twitter, ou por meio de conexões diretas em plataformas como WhatsApp e Telegram. Essas pessoas passam, então, a ter um senso de pertencimento e escondem seus preconceitos por meio de “opiniões” e “valores morais”, que têm tido seus significados cada vez mais deturpados.

Não à toa, o debate sobre a regulação do discurso de ódio em redes sociais tem sido bastante frequente e este é definitivamente um tema de interesse público. Trazer exemplos de momentos em que falas preconceituosas foram postadas e continuam no ar mesmo meses após suas publicações, como será feito nesta reportagem, é fundamental para entendermos como os mecanismos de regulação das redes sociais ainda são falhos, abrindo espaço para a disseminação desses ideais com pouquíssimos tipos de filtro, já que estas plataformas são utilizadas muitas vezes por menores de idade, idosos e outros tipos de pessoas facilmente influenciáveis.

A necessidade do pensamento crítico também é um fator pela escolha do gênero reportagem para este trabalho, uma vez que buscamos levantar questões que ainda não possuem uma resposta exata. O propósito deste trabalho é oferecer ao público uma série de informações cientificamente embasadas, além de uma perspectiva sociológica com relação à humanidade de pessoas LGBTQIA+ e seu pertencimento à sociedade como um todo, para que estes então possam desenvolver suas próprias opiniões acerca de temas como, por exemplo, o gosto pessoal por determinado artista, desde que este seja devidamente respeitado enquanto ser humano.

Como explica José Marques de Melo, conforme BUCCI (2002), acredita-se que o jornalismo pode assumir um papel “problematizador”, que consiste em “‘dar materialidade’ à

‘ideia democrática’ contida no binômio ‘direito à informação’ e ‘liberdade de expressão’”, e é exatamente isso que se busca por aqui: por meio da apresentação de conceitos materiais e exemplos reais, espera-se que o leitor exerça sua liberdade de expressão após ter garantido o seu direito à informação correta, sendo inclusive lembrado do caráter humanizado de comunidades marginalizadas e das origens desse preconceito, além de poder ter seus olhos abertos para o fato de que faz parte de uma engrenagem muito maior do que si.

2. CONTEXTO SOCIAL E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 Discurso de ódio e o extremismo político brasileiro e mundial

Os anos do final da década de 2010 e início de 2020 têm sido marcados mundialmente pela ascensão de uma dualidade política, muito comumente chamada de polarização, mas que se desenha de uma forma diferente já que um dos lados se mostra extremista, com seus ideais mais conservadores, e é este que se beneficia de uma suposta “igualdade” entre posicionamentos. Enquanto este se mostra fechado a qualquer crença que seja divergente de sua visão, o lado mais progressista, no que diz respeito às questões sociais, se posiciona como aberto a diversas interpretações de mundo.

Nesse sentido, temas como o discurso de ódio, definido como uma “manifestação discriminatória externalizada, que abrange os atos de discriminar e de instigar a discriminação contra determinado grupo de pessoas que possuem uma característica em comum” (LEAL DA SILVA et al, 2011), se tornam bastante relevantes e passam a ser estudados com grande frequência, ainda mais associados ao crescente uso das redes sociais.

Em vista disso, um texto de Christian Dunker, psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) traz uma das definições mais interessantes para o tema em seu texto “O ódio como afeto político”:

Ao lado do amor e da ignorância, o ódio é uma das três paixões do ser. [...] Existem formas patológicas que fazem do ódio um princípio de união em torno do pior: “junto-me ao outro, solidarizo-me com o outro, com um objetivo maior de odiar um

terceiro”. E para tanto preciso nomear sem ambiguidade quem somos nós e quem são eles. [...] Há um tipo de ódio que não está baseado na concorrência em torno do “ter”, da inveja e do ciúme, mas em torno do “ser”. Esse é o ódio por trás da homofobia, da agressividade de gênero e da violência disruptiva. [...] A mera existência do outro é sentida como realizando um decréscimo de felicidade, um raptó de gozo ao sujeito, uma ofensa à sua forma de vida.

Esse fenômeno citado por Dunker, e muito bem exemplificado por meio da homofobia e da violência de gênero, é algo que está intimamente conectado ao atual momento político e à ascensão de uma engrenagem política conservadora, que faz uso do discurso de ódio não apenas como ferramenta política e de manipulação mas também de união, ressaltando e reforçando preconceitos enraizados na sociedade brasileira de maneira conjunta sob a liderança de uma figura que atua quase como se fosse o líder de um culto.

No texto “Jair Bolsonaro: mídia, imagem e espetáculo na política brasileira”, publicado em 2019, as autoras Deysi Cioccarí e Simonetta Persichetti (2019, p. 30) definiram a figura em questão, Jair Bolsonaro, como um ator político que é “mais conhecido pelo barulho que provoca do que por sua atividade parlamentar”, ressaltando o quanto é importante para a sua atuação política que ele próprio tenha sua imagem ampliada por aqueles que o projetam como protagonista, resultado de uma estratégia de comunicação focada em fazê-lo parecer um “homem do povo”, um “cidadão de bem”, incentivando boa parte da população brasileira a enxergar que seus valores são os corretos.

O efeito contrário também é real. Há aqueles que enxergam os valores notavelmente homofóbicos, transfóbicos e preconceituosos de forma geral de Bolsonaro como os corretos e, por isso, se identificam com suas propostas e falas. No entanto, para efeito de análise da engrenagem de comunicação que compõe a estratégia de poder deste governo e se arrasta até campos como as artes, que será o tópico principal deste trabalho, focaremos nas pessoas que se vêem utilizadas como instrumentos de poder graças à bem-sucedida estratégia midiática que fez o atual ex-presidente ser eleito em 2018 e ficar a poucos votos de uma reeleição em 2022, tendo inclusive colocado diversos de seus aliados políticos em altos cargos na política brasileira.

De uma forma ou de outra, uma figura tão proeminente como o presidente do Brasil tem um palco gigantesco para seus atos e falas. Sendo assim, e considerando as estratégias mencionadas acima, não é de se estranhar que uma legião de seus seguidores reproduza os discursos de ódio feitos por Bolsonaro. Em 13 de Julho de 2022, por exemplo, ele participou da Convenção dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus, no Maranhão, e disse que o correto é que “o Joãozinho seja Joãozinho a vida toda” e que “a

Mariazinha seja Maria a vida toda”, em um ato que reforça o comportamento transfóbico exibido por boa parte de seus seguidores (e até mesmo de alguns que não o são) nas redes sociais.

Efeitos parecidos foram vistos em outros lugares do mundo em anos passados, com o caso mais emblemático tendo sido o de Donald Trump nos Estados Unidos. Ainda que este também tenha sido derrotado na eleição mais recente, outros nomes como o de Giorgia Meloni, primeira-ministra italiana ligada à extrema direita, têm surgido e mostrado que o viés conservador e de ódio está longe de desaparecer.

2.2 Redes sociais, a supervalorização da opinião individual e o culto à personalidade

Outro fator fundamental para o entendimento da necessidade dessa pesquisa é a rápida ascensão das redes sociais, que passaram a se tornar um instrumento fundamental da vida moderna muito rapidamente. Por conta disso, diversas pessoas que antigamente teriam guardado suas opiniões para si próprias ou para o seu círculo mais próximo de amigos conseguem emití-las em lugares de acesso generalizado, dentre as quais está o Twitter, uma plataforma que permite a qualquer um comentar acontecimentos cotidianos.

Como definiu Paula Sibilia (2007, p 83) , é como se o ser humano estivesse sofrendo uma “mutação subjetiva, que paulatinamente desloca o eixo do eu para outras zonas: do interior para o exterior, da alma para a pele, do quarto próprio para as telas de vidro”. A partir dessa perda de privacidade, por assim dizer, passamos a viver em uma sociedade onde uma pessoa sem opiniões no mundo digital não é vista, plenamente, como uma pessoa; a atuação digital passa a ser fundamental não apenas na visão da sociedade, mas também do próprio eu, que é explicado por Sibilia (2007, p. 28) como “uma ficção gramatical, um centro de gravidade narrativa, um eixo móvel e instável no qual convergem todos os relatos de si”.

Nesse sentido, quase que de forma óbvia, passa a existir uma supervalorização da opinião individual. Por ser capaz de explicitá-la em suas redes, que são compostas por seguidores (pessoas que, teoricamente, têm o interesse de consumir suas ideias) e por receber interações com elas, seja por meio de curtidas, repostagens ou citações, o *eu* passa a se enxergar como um agente fundamental para a existência da sociedade como um todo. Ele passa a ter a necessidade de opinar, mesmo quando não tem nada a dizer; se vê obrigado a reclamar quando se sente ofendido por algo que vai contra os seus valores, mesmo que não seja obrigado a consumir aquilo.

Por conta disso, não é surpresa que o discurso de ódio, que sempre esteve presente na sociedade de forma geral, tenha virado ponto de discussão em diversos trabalhos acadêmicos nos últimos anos. O que agrava ainda mais essa situação é algo descrito com maestria por Fernanda Bruno em “Máquinas de ver, modos de ser” (2013, p. 80): a existência de uma sociedade que é incentivada a vigiar e ser vigiada, onde surge um “novo estado do individualismo” no qual joga-se um “jogo ambíguo que diz bastar existir para ter o direito de ser visto num mundo onde é preciso ser visto para existir”.

Ainda de acordo com Bruno, o “par ver-ser visto” passa a se dissociar graças à “‘inverificabilidade’ do poder”, ou seja, temos uma sociedade que sofre uma constante indução a achar que está sendo vigiada, o que “assegura o funcionamento automático do poder” da máquina panóptica ainda que estas pessoas não saibam propriamente se estão de fato sendo vigiadas pois estão no “anel periférico” e não na “torre central”.

Neste anel, “se é totalmente visto, sem nunca ver”. Por conseguinte, na torre central “vê-se tudo, sem nunca ser visto”, conforme a autora explica através de citação de Foucault (1983, p. 173-179).

Mais do que nunca, nos tempos atuais, a presença online se torna, como citamos acima, praticamente obrigatória para a validação da existência do *eu*. Ao mesmo tempo, estabelece-se uma crença individualista de que a minha existência no mundo digital me garante ser visto. É exatamente disso que se aproveitam alguns atores políticos, apostando nessa vigilância constante e nessa confusão do “ver-ser visto” para que suas filosofias sejam disseminadas dia após dia sem que eles próprios precisem se manifestar, fazendo isso apenas vez ou outra para reforçar suas crenças e inflamar seus seguidores. Da mesma forma, se aproveitam disso para criar cortinas de fumaça que encobrem escândalos, incluindo aqueles de corrupção, que deveriam marcar seus regimes. Assim, como define Bruno, cumpre-se o princípio de haver um “máximo de aparência para o mínimo de realidade”:

Num só movimento, moraliza-se o delinquente e, por dissuasão, o público. O atrativo do espetáculo e os recursos teatrais reaparecem na concepção da máquina de chicotear, que, além de ser “justa”, pois garante cotas regulares e constantes de dor suprimindo toda arbitrariedade, deve ampliar a face visível do castigo — “o terror da cena sendo aumentado sem acrescentar o sofrimento real” (Bentham, 1843b, p. 415). Sempre os mesmos princípios: múltiplos efeitos para o menor número de causas; o máximo de aparência para o mínimo de realidade. (BRUNO, 2013, p. 62)

Esse fator de supervalorização do *eu* também abre uma discussão curiosa com as teorias propostas por Hannah Arendt em “As origens do totalitarismo”. Na obra, a autora reflete sobre a necessidade da existência de *massas*, definidas como “pessoas que,

simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores” (ARENDETT, 1998, p.361), para a criação de regimes totalitários. Ora, se no momento existe uma supervalorização do *eu*, como aqueles que buscam o poder totalitário podem encontrar *massas*?

O culto à personalidade sempre esteve atrelado a estes regimes, servindo desde os primórdios como a “ferramenta mais eficiente no longo prazo” (DIKÖTTER, 2019, p. xi) para submeter todos ao seu poder:

O culto degradava aliados e rivais da mesma forma, forçando-os a colaborar através da subordinação comum. Acima de tudo, ao obrigá-los a aclamá-lo diante dos outros, um ditador transformava todas as pessoas em mentirosas. Quando todo mundo mentia, ninguém sabia quem estava mentindo, fazendo com que fosse mais difícil encontrar cúmplices e organizar um golpe.

Essa estratégia ganha um teor ainda mais assustador com a existência das redes sociais, que permitem ao culto à personalidade um degrau ainda maior. Hoje, ainda que não tenhamos vivido por definição um regime ditatorial, aqueles que escolhem olhar para uma figura como o ex-presidente Bolsonaro como um “líder supremo” podem, figurativamente e literalmente, consumi-lo diariamente.

Mais ainda, são facilmente manipulados por uma engrenagem gigante e estruturada, que conta com a ajuda de algoritmos e outras tecnologias, como robôs de redes sociais, para que estes estejam simultaneamente (e quase paradoxalmente) sempre consumindo o “líder supremo”, sempre reproduzindo seus comportamentos, e ainda assim consumindo apenas o que o líder quer que eles consumam.

Tudo isso é uma característica marcante de regimes de extrema direita, como é destacado por Antonio Reyes (2020) quando explica que esses governantes possuem “uma ênfase na figura do líder, onde o líder representa as pessoas e se mostra ‘um ser humano excepcional’ (MUDDE, 2019, p. 104) e um salvador autoproclamado (WODAK, 2017)”.

2.3 Estudos culturais e cultura pop

Dentre os assuntos abordados por esta reportagem está a elitização cultural, tema que tem relação íntima com os estudos culturais e a definição do que é cultura pop. Antes de

mergulhar em termos mais técnicos, é interessante entender a concepção generalizada do que é a cultura “erudita” e o que é a cultura pop:

O juízo de valor em torno dos produtos midiáticos é um dos debates mais recorrentes no senso comum e na crítica cultural, relacionados à cultura pop. O “cinemão” hollywoodiano, os seriados “enlatados” e a música “pop”, por exemplo, mesmo sem contar exatamente com definições precisas e conceituais são comumente relacionados a conteúdos massivos que, por esse motivo, seriam “ruins” por definição. Ou constitui produtos “inferiores” em relação a produções mais “esclarecidas” como o cinema “de arte”, os seriados “cults” e a música “erudita”. (HOLZBACH et al, 2015, p. 132)

O próprio termo pop é “uma corruptela do termo ‘popular’ e, desta forma, seu significado se opõe em princípio a noções como ‘elite’” (ALBUQUERQUE et al. 2015, p. 247), o que intrinsecamente carrega um significado político muito semelhante à própria importância da cultura de forma geral enquanto expressão do ser humano, uma figura política em sua mera existência, principalmente no que se trata de pessoas pertencentes às minorias da sociedade.

Esse debate entre popular e elite é exacerbado nos dias atuais, em especial na conjuntura brasileira onde esses próprios conceitos se confundem. Identifica-se em um certo nicho uma necessidade de pertencimento à elite, mesmo quando ela se vê distante; é o microempreendedor individual que acredita ser detentor dos meios de produção, e não apenas uma engrenagem no meio do todo. Isto se traduz para a cultura, onde a elitização de gêneros específicos se dá por meio da ignorância de toda a definição e importância do que é pop.

Já no século XX, Stuart Hall falava sobre esta questão:

Sem sombra de dúvida, o domínio constituído pelas atividades, instituições e práticas culturais expandiu-se para além do conhecido. Ao mesmo tempo, a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais.

O pop pode ser, e é, utilizado como um mecanismo de alcance das massas. A própria questão da diáspora, trazida por Hall, é um exemplo fundamental ao explicar como a identidade cultural é construída, e não inata, “pertencendo tanto ao futuro quanto ao passado”. Para ele, o movimento físico causado pela diáspora não se limita apenas à existência física daquela pessoa, mas se estende para a sua existência cultural; pessoas que saem de um país para outro, por exemplo, carregam consigo os costumes e tradições culturais de onde vieram, somando-as a tudo que irão absorver no seu novo local.

É justamente aí que entram as relações de poder. Há inúmeros exemplos de repressão cultural de povos imigrantes, e isso também se estende com grande força para o mundo globalizado. O forte controle da indústria artística por parte de países de língua inglesa é o maior exemplo disto, ditando regras e tendências de consumo a nível mundial apenas por serem detentores de um poder que lhes foi concedido por meio de um regime imperialista moderno que “coloniza”, culturalmente falando, a grande maioria das outras comunidades mundiais.

Daí a importância da cultura pop enquanto movimento de resistência: artistas como Liniker, objeto principal de análise da reportagem produzida, e outros que integram as minorias sociais conseguem levar esses elementos diaspóricos às massas, produzindo sonoridades únicas que incorporam, entre outras, influências de culturas africanas, incluindo as religiões do continente, e da própria música brasileira tradicional a estilos que podem até mesmo ser considerados eruditos. Naturalmente, processos como este não estão restritos aos exemplos citados e também podem ser vistos com grande força em outros países, como a Coreia do Sul e o Japão, nos quais o gênero musical pop ganha contornos bem únicos e que representam até mesmo intenções políticas de cada um deles, apesar de ao mesmo tempo se posicionarem como resistência ao domínio da língua inglesa.

Essa falta de controle é inerente à cultura pop, por definição. A própria origem do termo “cultura popular” é justamente ligada às tradições culturais de cada povo, como definido por Ashley Crossman, Ph.D. em Sociologia pela Arizona State University, em um artigo publicado no site ThoughtCo em 2019:

Cultura popular (ou “cultura pop”) se refere em geral às tradições e à cultura material de uma sociedade particular. [...] O termo “cultura popular” surgiu no meio do século XIX, e se referia às tradições culturais das pessoas, em contraste com a “cultura oficial” do Estado ou da classe governante.

Com o passar do tempo, a mídia passou a ganhar um papel fundamental na disseminação da cultura pop, expandindo e tornando mais confusas as definições desta por conta disso. Apesar do apelo às massas ter sido conquistado com essa ajuda de ferramentas de marketing, o consumo cada vez maior deste tipo de cultura vem associado a uma visão de que ela seria menos relevante do que a “cultura oficial”, definida acima. É exatamente por isso que, mesmo hoje, com apelo às massas e gigantesco alcance, a cultura pop ainda é vista como elemento de resistência.

Para além disso, a cultura pop em si é mutável e constantemente se coloca em uma posição de quebrar novos padrões. É impossível negar a influência da indústria e da mídia em

popularizar qualquer coisa que seja, mas o advento das redes sociais e a popularização destas tem tornado a cultura pop cada vez mais orgânica — as estrelas do pop “plásticas” não são mais tão comuns, e mesmo aquelas do passado, como o caso de Britney Spears, vêm cada vez mais ganhando personalidades fortes e sobrepondo suas figuras atuais por cima das antigas, que muitas vezes não tinham qualquer tipo de opinião e serviam apenas para o propósito de manter a engrenagem da indústria musical funcionando.

2.4 O gênero textual reportagem

Para a ilustração do uso prático destes estudos, foi feita a escolha pela produção de uma reportagem que pretende correlacionar os conceitos explorados acima com o mercado da música, em especial com os artistas pertencentes às minorias sociais, com foco em pessoas do espectro LGBTQ+ que viveram momentos de superexposição midiática durante os últimos anos e foram submetidas a discursos de ódio.

A reportagem é um gênero textual que se encaixa tanto na modalidade oral quanto escrita, que apresenta “elementos narrativos reais e geralmente estilo próprio”, permitindo um “passeio entre a oralidade e a escrita” (MARTINS et al, 2017, p. 4). Ela também é responsável por responder, ou buscar responder, assuntos de interesse social (GUIRADO, 2004, p. 22), indo além do simples jornalismo pré-definido que busca apenas encontrar respostas para as questões levantadas pelo *lead* (o quê? como? onde? por quê? quem? quando?).

Há um longo debate sobre a possibilidade de uma reportagem contar com opiniões do jornalista que a escreve. No caso em questão, por se tratar de uma produção textual que está ligada à oposição de um viés ideológico considerado terrível para a sociedade como um todo, traz-se à tona a definição de jornalismo de Luiz Beltrão em sua obra “Jornalismo Opinativo”:

Jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum. (BELTRÃO, 1960, p. 62)

Partindo do pressuposto que o bem comum inclui toda a sociedade, inclusive as comunidades à margem que são alvo da reportagem em questão, conclui-se que é possível trazer um tom interpretativo e ligeiramente opinativo ao texto.

3. METODOLOGIA

O processo criativo dessa reportagem teve início com a conclusão de que uma experiência atuando no mercado do jornalismo musical poderia fazer com que este formato enriquecesse este trabalho, ao mesmo tempo que oferece a oportunidade de contato com pessoas afetadas diretamente pela situação que está sendo explorada.

A temática em questão veio à tona após acompanhar a repercussão da vitória de Liniker, uma artista transgênero, em uma das principais categorias do Grammy Latino. Enquanto muitos dos frequentadores de seu perfil celebravam a conquista da cantora, perfis com maior alcance, como os de portais de notícias, apareciam recheados de comentários de ódio, geralmente ligados à transfobia ou LGBTQIA+fobia de forma geral.

Por isso, a cantora foi tema central da reportagem em questão, ainda que outros nomes relevantes à pesquisa tenham sido citados no texto. É também com ela que foi realizada uma entrevista acerca de alguns dos temas tratados no trabalho, criado inicialmente como um rascunho em plataforma de edição de texto online e eventualmente formatado para publicação no sistema WordPress, utilizado pelo site Tenho Mais Discos Que Amigos!, onde a matéria será publicada após devida aprovação.

A pesquisa pelos comentários em si foi realizada no Twitter e em sistemas internos de portais de notícia, locais que favorecem a publicação de conteúdo de forma rápida e possivelmente anônima. Para compor a reportagem, algumas dessas postagens foram selecionadas para serem anexadas ao texto, de modo a ilustrar situações descritas no texto ou até mesmo comprovar a realização de tais publicações.

Por se tratar de um website com um padrão de matérias a longo prazo, houve pouca flexibilidade para a formatação do conteúdo. No entanto, um dos principais detalhes é a escolha por uma imagem de capa no formato 1200x690 pixels, que permite o uso de um *template* reservado no site para matérias com um teor especial, como justamente é o caso desta reportagem.

Ainda assim, fez-se necessário respeitar as fontes e cores que são padronizadas no site. As fontes usadas são: Verdana 10,5pt para o texto corrido, Arial 31,5pt em negrito para o título principal, Arial 14,5pt em itálico para o subtítulo, Verdana 8,5pt em itálico para as legendas de fotos e Open Sans 10,5pt em negrito e itálico para citações/aspas. Já as cores principais do site são amarelo e preto, além do fundo branco para que a fonte, preta, possa ser lida com melhor eficiência.

Foi definida também uma padronização para melhor leitura da reportagem que inclui o uso de negrito para destacar nomes de artistas relevantes, negrito e itálico juntos para os nomes de álbuns e aspas para designar músicas. Os dois primeiros são usados apenas na primeira aparição de cada termo no texto, sendo depois substituídos por fonte normal e apenas itálico, respectivamente.

A escolha pelo site, além dos motivos citados acima, também se dá por conta da divulgação da matéria, que poderá ter alto alcance. Além de um contato direto com artistas que são citados na reportagem e que são seguidores da página nas redes sociais, o Tenho Mais Discos Que Amigos! conta com mais de 222 mil seguidores no Instagram, 107,5 mil seguidores no Twitter e quase 306 mil seguidores no Facebook, o que permite amplo alcance da reportagem, com possibilidade de atingir centenas de milhares de pessoas.

Dados obtidos por meio do sistema Analytics, do Google, apontam que o site teve 26 milhões de acessos únicos no ano de 2022, com um tempo médio de permanência na página de 3 minutos e 44 segundos, o que reforça também a escolha por se tratar de um portal cujo conteúdo é capaz de explorar leitores interessados em permanecer mais tempo nas reportagens, favorecendo a divulgação de uma matéria mais elaborada e de leitura longa, como a que se tornou objeto deste trabalho.

Além dos canais próprios, as matérias também acabam sendo veiculadas por meio do Google e de outros meios impossíveis de serem contabilizados, como boca-a-boca e WhatsApp.

Fortalecendo a composição especial da reportagem, também foram selecionadas diversas fotos de artistas mencionados no texto, sempre obtidas por meio de contatos oficiais de assessorias e fotógrafos com a devida autorização para reprodução na matéria e publicação no site mediante o crédito correto da produção das imagens.

Também foram reproduzidas na matéria publicações realizadas no Twitter para ilustrar alguns dos temas abordados no texto, incluindo exemplos de situações que foram descritas e que estão sendo analisadas criticamente.

Por fim, foram realizadas diversas tentativas de contato com artistas citados na matéria por meio de suas assessorias oficiais, com recusas em todas as instâncias por conta da sensibilidade do tema abordado e também da natureza do trabalho, com um viés mais acadêmico e menos comercial, já que as negativas vieram acompanhadas de justificativas que citavam a ausência de lançamentos recentes para promover.

4. CONCLUSÕES

O mergulho em um mundo tão ríspido como o dos discursos de ódio, ainda mais quando circundado por uma engrenagem política tão forte como a que vemos atualmente, é arriscado e, por vezes, doloroso. Entender o cenário político atual, especialmente no Brasil, é fundamental para entender por que a arte tem sido mais resistente do que nunca, em especial quando se analisa os constantes esforços para reprimir essas expressões realizados nos últimos anos.

A verdade é que a engrenagem política conservadora vai muito além do que os olhos podem ver, e o fato desta estar ganhando força é assustador. Mesmo com a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais, o Brasil ainda é muito regido por ela — afinal de contas, foram 49,10% dos votos destinados ao atual ex-presidente, que por meio de seus aliados políticos ainda é capaz de exercer grande influência no Senado e no Congresso.

O movimento artístico no nosso país se vê muito enquadrado nos 50,90% de votos restantes, em especial quando se trata de artistas pertencentes às minorias sociais. Pessoas pretas, LGBTQIA+ e que exploram estilos musicais que não considerados de elite são vítimas diariamente de ataques e preconceitos, e não há mais sequer a possibilidade de se fechar os olhos para este problema que afeta os nossos cotidianos e seguirá afetando, em especial com a rápida ascensão das redes sociais.

Estas plataformas, aliás, têm sido fundamentais na quebra de estereótipos comumente descritos pela sociedade. O “vizinho legal” com quem se esbarrava diariamente no elevador pode não ser aquela pessoa gentil que estava no imaginário, mas sim um extremista que vive uma vida recheada de discursos preconceituosos; neste sentido, as redes sociais criaram um espaço que vem sendo revelador para a sociedade como um todo, reforçando o ideal de que a presença digital se tornou fundamental e se confunde com a presença física.

Ao mesmo tempo, os estudos feitos aqui nos ajudam a entender que essas pessoas, ainda que não ausentes de culpa, não são necessariamente as grandes responsáveis pela atual conjuntura ideológica do país. O entendimento da engrenagem política que movimenta o país, atualmente muito regida pelos ideais conservadores após anos em que os representantes deste lado souberam se aproveitar de recursos e trapaças da era moderna, é essencial para que se desconstrua a imagem de que os nossos semelhantes, pessoas com quem convivemos no nosso dia-a-dia, são o cerne do problema.

Ademais, as reflexões expostas aqui nos permitem também identificar quais são os obstáculos enfrentados dia após dia por pessoas pertencentes às minorias, tanto em seus

aspectos pessoais quanto profissionais. Por meio do exemplo de Liniker, enxergamos os desafios da mulher trans e preta em afirmar sua existência, e a arte possibilita que essa própria afirmação seja um ato de resistência. Com a voz, a música, a poesia e tudo que lhe transforma em uma grande artista, Liniker é apenas um dos casos de alguém que tem inúmeros reconhecimentos profissionais e, mesmo assim, é extremamente diminuída em diversas ocasiões, em especial quando precisa lidar com momentos de superexposição, que deveriam ser de alegria e celebração por conquistas históricas.

Há a necessidade de se falar cada vez mais sobre as vitórias que essas pessoas têm tido, assim como também é imprescindível reconhecer que não deveria ser necessário superar tantos obstáculos, que costumam não estar presentes para pessoas brancas, heteronormativas e cisgênero. Na reportagem, aliás, ainda que a romantização seja um efeito essencial para prender a atenção do leitor e cativá-lo, buscou-se tratar da forma mais objetiva possível as superações que foram vividas pelas artistas mencionadas, na intenção de não contribuir para um ideal quase meritocrático que permeia, muitas vezes, as conquistas de pessoas LGBTQIA+.

Por fim, retomando um objetivo que foi explicado na introdução, é importante ressaltar que a intenção desta reportagem não foi a de necessariamente formar opiniões subjetivas. Gostar ou não de um artista é algo totalmente pessoal, mas é fundamental que o jornalismo cumpra seu papel de informar corretamente e trazer a atenção do público para questões que ainda passam batidas por grande parte de um público; no exemplo em questão, é possível que as pessoas que consomem o conteúdo de Liniker pouco tenham percebido o ódio recebido por ela em redes sociais mais generalizadas, como as de grandes portais.

Atualmente, fazer isso sem um mínimo de teor crítico é uma tarefa virtualmente impossível. Uma das principais conclusões deste trabalho é a de que não basta e não cabe mais reduzir o jornalismo a um gênero estritamente informativo, sem qualquer emissão de juízo de valor, em especial por conta da importante diferenciação entre opinião e preconceito — novamente, para contextualizar no exemplo em questão, não cabe ao jornalista (a não ser em uma crítica ou resenha) fazer juízo de valor sobre a arte em si que está sendo noticiada, mas é fundamental que a pessoa por trás da arte seja entendida, representada e respeitada, não apenas pelo autor mas também pelo leitor.

A sociedade se transformou, e com isso surgiram boas e más consequências. A engrenagem conservadora aqui exposta é uma delas, e há uma urgente necessidade de adaptação do jornalismo para lidar com este novo mundo onde, muitas vezes, o óbvio precisa

ser dito múltiplas vezes para que a liberdade de expressão nunca mais se confunda com o discurso de ódio e a ausência de consequências para este.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso *et al.* Cultura pop e política na nova ordem global: lições do Extremo-Oriente. *In: SÁ, Simone et al. Cultura pop*. Salvador/Brasília: EDUFBA, 2015. p. 247-268. ISBN 978-85-232-1353-4. Disponível em: https://chuva-inc.github.io/compos-static-files/publicacoes/Cultura_pop_repositorio.pdf#.

Acesso em: 25 jan. 2023.

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013. Disponível em: <http://noosfero.ucsal.br/articles/0010/6915/arendt-hannah-origens-do-totalitarismo.pdf>.

Acesso em: 25 jan. 2023.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p. ISBN 978-85-205-0682-0. Disponível em: <https://comunicacaoeidentidades.files.wordpress.com/2014/07/pg-18-a-51-maquinas-de-ver-modos-de-ser.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Jair Bolsonaro: mídia, imagem e espetáculo na política brasileira. *In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, XIV., 2018, Costa Rica. Memorias del Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación [...]*. 2018. p. 28-34. Disponível em: <https://www.alaic.org/site/wp-content/uploads/2019/04/GT-3-ALAIC-2018.pdf#page=28>.

Acesso em: 25 jan. 2023.

CODATO, Adriano *et al.* A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. *In: CRUZ, Sebastião et al, (org.). Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115-144. ISBN 978-85-7643-292-0. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Direita%20volver%20Final.pdf#page=11>.

Acesso em: 25 jan. 2023.

CROSSMAN, A. **How Did Pop Culture Originate?** Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/popular-culture-definition-3026453>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

DIKÖTTER, Frank. **How to Be a Dictator: The Cult of Personality in the Twentieth Century.** Bloomsbury, 2019. ISBN 978-1-63557-379-4. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=35mkDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=cult+of+personality&ots=rIca6mQKV0&sig=vCCi_3XnvUeT-DNsVsVfb_t_12w#v=onepage&q=cult%20of%20personality&f=false. Acesso em: 25 jan. 2023.

DUNKER, Christian. **O ódio como afeto político.** Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/05/06/o-odio-como-afeto-politico/>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004. ISBN 85-7473-294-X. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hbZ3882BlycC&oi=fnd&pg=PA15&dq=reportagem&ots=RAqsmkxMx_&sig=-ff0M00pTVWY3-IbXfanex4udoE#v=onepage&q=reportagem&f=false. Acesso em: 25 jan. 2023.

GURGEL, Eduardo. Gêneros Jornalísticos sob a ótica Beltraniana. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIV., 2011, Recife. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2411-1.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, p. 15-46, jul/dez. 1997.

HOLZBACH, Ariane *et al.* Heavy Metal X Funk: disputas de gênero na cultura pop a partir do canal Mamilos Molengas. *In*: SÁ, Simone *et al.* **Cultura pop**. Salvador/Brasília: EDUFBA, 2015. p. 131-150. ISBN 978-85-232-1353-4. Disponível em: https://chuva-inc.github.io/compos-static-files/publicacoes/Cultura_pop_repositorio.pdf#. Acesso em: 25 jan. 2023.

MARTINS, Andreia; BRITO, Maria de Fátima; DE SOUZA, Clara. Didatização do gênero reportagem: um trabalho de retextualização em ensino/aprendizagem de língua portuguesa. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS, IV.*, 2017, Campina Grande. **Anais IV SINALGE**. 2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO_EV066_MD1_SA16_ID188_17032017231212.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

MARQUES DE MELO, José. Pensamento Jornalístico: a moderna tradição brasileira. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 15-40, jul/dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/698/69830988002.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

REYES, Antonio. I, Trump: The cult of personality, anti-intellectualism and the Post-Truth era. **Journal of Language and Politics**, p. 1-25, 4 maio 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Reyes-19/publication/346893986_I_Trump_The_cult_of_personality_anti-intellectualism_and_the_Post-Truth_era/links/628f5cd888c32b037b526670/I-Trump-The-cult-of-personality-anti-intellectualism-and-the-Post-Truth-era.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

SIBILIA, P. **O show do eu: subjetividade nos gêneros confessionais da internet**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/686522.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SILVA, Rosane Leal da, et al. **Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira**. *Revista direito GV* 7 (2011): 445-468.

Bancada dos partidos – Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/Internet/Deputado/bancada.asp>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Bancadas do Senado estarão mais concentradas em 2023. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/31/bancadas-do-senado-estarao-mais-concentradas-em-2023>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Secretário nacional da Cultura, Roberto Alvim faz discurso sobre artes semelhante ao de ministro da Propaganda de Hitler. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/17/secretario-nacional-da-cultura-roberto-alvim-faz-discurso-sobre-artes-semelhante-ao-de-ministro-da-propaganda-de-hitler.ghtml>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

STF remete à PGR pedido de investigação contra Bolsonaro após declarações transfóbicas. Disponível em: <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/sTF-remete-a-pGR-pedido-de-investigacao-contra-bolsonaro-apos-declaracoes-transfobicas1>>. Acesso em 25 jan. 2023.